

## VI. A INDISSOLUBILIDADE DA PESQUISA, ENSINO E EXTENSÃO NOS MUSEUS UNIVERSITÁRIOS<sup>6</sup>

### Preceitos e Problemas dos Museus Universitários

Os museus universitários brasileiros são instituições científicas com responsabilidades culturais e sociais, junto às sociedades que lhes proporcionam apoio financeiro, matéria-prima para o trabalho e, sobretudo, desafios constantes.

Estes museus nem sempre nasceram no âmbito do universo acadêmico. Algumas vezes as universidades receberam instituições completas, em outras, os próprios departamentos e institutos têm gerado processos museológicos e, muitas vezes, as instituições universitárias receberam, como herança, algumas coleções que impulsionaram o surgimento de museus.

É difícil delinear o perfil do museu universitário deste país. Os exemplos evidenciam uma multiplicidade de formas e conteúdos, as mais diferentes estruturas organizacionais, como também, distintos patamares, no que se refere ao número de funcionários e capacidade para o trabalho interdisciplinar.

Dispersos de norte a sul do país, inseridos nas capitais ou nas cidades do interior, protegidos pelo campus universitário ou localizados nos centros urbanos, os mais de 100 museus desta natureza têm sob sua responsabilidade, desde questões de abrangência universal e nacional, até aspectos do microcosmo de uma área de conhecimento, passando por problemas regionais e impasses científicos.

São muito diferentes entre si. Entretanto, o que os une é a cumplicidade com o ensino, pesquisa e extensão. O comprometimento com estas três funções universitárias é o que permite um olhar de aproximação, o delineamento de caminhos paralelos e, mesmo, a possibilidade de propostas conjuntas.

---

<sup>6</sup> Este ensaio foi apresentado no I Simpósio sobre Museologia na Universidade Federal de Minas Gerais - no âmbito da mesa redonda - Pesquisa, Ensino e Extensão nos Museus Universitários, Belo Horizonte (Brasil), 1997.

Considero que qualquer discussão sobre museus universitários não pode descartar, por um lado, a indissolubilidade entre ensino, pesquisa e extensão e, por outro lado, as características inerentes aos processos museais.

Apesar de todas as transformações conceituais, das alterações técnicas, da compulsiva inserção das novas tecnologias, da extrapolação dos espaços construídos, ainda é possível afirmar que as instituições museológicas ou os processos museais têm o seu eixo central na articulação entre a salvaguarda e a comunicação das referências patrimoniais, das coleções e acervos.

Entendendo por patrimônio o conjunto das manifestações, resultante da compreensão e transformação das sociedades, em relação aos seres vivos, ou mesmo o conjunto de artefatos elaborados e utilizados pelos homens e, sobretudo, as múltiplas idéias e interpretações que preenchem o cotidiano dos grupos humanos e destacam os grandes momentos dos rituais coletivos, é possível afirmar que a possibilidade de intervenção dos museus é muito ampla e suas responsabilidades são muito grandes.

Coletar, estudar, organizar, conservar, documentar, guardas, expor, educar, são alguns verbos que orientam a vida dessas instituições, mas a sua articulação depende de uma certa lógica que, por sua vez, necessita de uma equipe multi-profissional e uma adequada infra-estrutura.

Os museus são instituições vocacionadas para a produção e sistematização do conhecimento, e comprometidas com a extroversão e socialização destes processos e de seus resultados. Neste sentido, o museu - enquanto modelo de instituição - têm uma explícita cumplicidade com a universidade.

Geralmente, destacamos a importância das universidades para os museus. Sublinhamos que a inserção nestas instituições de ensino, pesquisa e extensão, contribui para a estabilidade dos museus, para a configuração de um adequado quadro técnico-científico e para a garantia de financiamento.

Sempre esquecemos de salientar que o museu também é muito importante para a universidade, pois tem toda a potencialidade

para desenvolver, com igual competência, as três funções já mencionadas.

Reconhecemos, também, que diversas facetas das ciências e das artes, quando ensinadas a partir dos museus, assumem uma outra perspectiva para a formação de 3º grau. Da mesma forma, entendemos que as coleções e acervos, enquanto suportes de informação, são fundamentais para o desenvolvimento de pesquisas nas diferentes áreas de conhecimento. Mas, em especial, a extensão museológica pode representar um privilégio para as universidades, no que diz respeito às potencialidades de difusão e incentivo à participação, provenientes das exposições e ação educativo-cultural.

Apesar dessa efetiva reciprocidade, nem sempre os museus têm sido aceitos no âmbito da lógica acadêmica. A inserção equivocada no organograma universitário, a ausência de instalações tecnicamente adequadas para a implementação do processo curatorial, o não reconhecimento da produção científica relacionada aos estudos museológicos, os impedimentos referentes à progressão das carreiras docentes e técnicas no âmbito dos museus, são apenas alguns dos indiscutíveis sintomas que constroem essas instituições em relação às suas responsabilidades sociais.

Entretanto, existem caminhos para que as experimentações museais universitárias possam colaborar, efetivamente, para o desenvolvimento das universidades, desde que não sejam encaradas ou avaliadas como experiências de segunda categoria.

Para tanto, gostaria de sugerir que os processos museológicos (institucionalizados ou não) articulassem as suas responsabilidades a partir de três vetores:

- Planejamento Programático
- Gerenciamento da Informação
- Comunicação Museológica

Esta articulação, por sua vez, traz, implicitamente, os patamares básicos para a pesquisa e a extensão e deveria servir de estímulo e desafio para o ensino. Refiro-me, especialmente, a uma modalidade de ensino que multiplique a compreensão sobre a natureza e lógica dos museus.

Considero que multiplicando vozes estaríamos, também, conquistando aliados para o desenvolvimento dos processos museológicos e, com certeza, ampliando e aprimorando os mesmos.

### **O MAE/USP como Estudo de Caso**

O Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo existe, há oito anos, a partir da fusão dos Setores de Arqueologia e Etnologia do Museu Paulista, do Instituto de Pré-História, do antigo Museu de Arqueologia e Etnologia e do Acervo Plínio Ayrosa do Depto. de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

Esta nova instituição, criada em 1989, reuniu docentes e técnicos, coleções e acervos arqueológicos e etnográficos e, sobretudo, quatro vetores das antigas memórias institucionais. Após inúmeras versões, o atual organograma organiza esta instituição em duas grandes áreas, responsáveis pela implantação do processo curatorial, referente às coleções da América com ênfase para o Brasil, do Mediterrâneo e Médio Oriente e da África.

A Divisão Científica está vinculada à pesquisa nas Áreas de Arqueologia e Etnologia e é desdobrada no Serviço de Curadoria, responsável pelos laboratórios de pesquisa, conservação e restauro, e pelo núcleo de documentação. A Divisão de Difusão Cultural, por sua vez, é responsável pelas pesquisas aplicadas em Museologia, Educação e Comunicação e atua, a partir de programas técnico-científicos, em conjunto com o Serviço Técnico de Musealização.

Enquanto a primeira divisão implementa as diretrizes para o gerenciamento da informação, a outra está vocacionada para a comunicação do conhecimento e extroversão do acervo.

Neste sentido, cabe-me destacar as propostas da Divisão Cultural, a qual estou vinculada como pesquisadora e fui sua coordenadora durante o período de sua concepção e implantação (1995 a 1997).

Esta divisão está comprometida com a implantação dos Sistemas de Exposição e Ação Educativa e, para tanto, vem atuando a

partir do desenvolvimento de seis programas: Comunicação Museológica, Ação Educativa junto a Exposições, Formação (cursos e estágios), Estudos Bibliográficos, Projetos Especiais e Recursos Pedagógicos e Museográficos.

Esperando que esta forma de atuação represente a plataforma básica para o ensino, pesquisa e extensão, específicos à difusão científico-museológica. As primeiras experimentações já estão em curso e o objetivo básico destes trabalhos está voltado para a implementação de um sistema de comunicação, com o perfil delineado pelas exposições e ação educativa.